

# **QUANDO O PRESENTE É O PASSADO E O PRESENTE: DOIS VELHOS LEMBRAM O PASSADO NO CONTEXTO DE UM LAR**

---

Patrícia Matos

*Mas quando mais nada subsistisse de um passado remoto, após a morte das criaturas e a destruição das coisas – sozinhos, mais frágeis porém mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis – o odor e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, lembrando, aguardando, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, e suportando sem ceder, em sua gotícula impalpável, o edifício imenso da recordação.*

Marcel Proust

*Avec le temps...  
Avec le temps, va, tout s'en va  
On oublieu les passions et l'on oublieu les voix  
Qui vous disaient tout bas les mots des pauvres gens  
Ne rentre pas trop tard, surtout ne prendre pas froid  
Avec le temps, va, tout s'en va*

Léo Ferre

## **1. Nota Breve: problemática, conceitos e método**

O texto aqui apresentado é produto de uma pesquisa<sup>1</sup> onde procurámos analisar por um lado, a *experiência* da velhice no contexto de um Lar, e, por outro, perceber como através da memória os residentes do Lar reconstroem a

---

<sup>1</sup> A pesquisa referida (Matos: 2003) foi, em grande medida, uma *experiência iniciática* ao ofício da antropologia. Ela não teria sido possível sem a orientação da Prof. Jill Dias, cuja cum-

sua identidade, tendo em conta as particularidades do seu trajecto biográfico e as condicionantes da situação presente.

Julgamos que o conceito de *experiência*, cujo uso tem sido defendido na antropologia contemporânea (Turner e Bruner: 1986; Hastrup: 1995; Kleinman: 1996; Kleinman e Kleinman: 1997; Willis: 2000; Throop: 2003), possa ser uma ferramenta importante na verificação compreensiva da articulação entre memória e identidade. O conceito de *experiência* a que nos reportamos está em sintonia com a definição proposta por Arthur Kleinman (1996) para uma 'etnografia da experiência'. Segundo este autor, a experiência não é um fenómeno subjectivo, antes um meio interpessoal de vivenciar as dinâmicas sociais e culturais, constitutivas dos processos e práticas experienciados no quotidiano (Kleinman, 1996: 97).

Kleinman (1996) também refere que a prática etnográfica permite apenas aceder ao fluxo da experiência social em contextos limitados de espaço e de tempo, em determinados 'mundos morais locais', a que chama os 'micro-contextos da experiência'. É o caso do contexto que foi analisado, o Lar. Aqui, a vida quotidiana é gerida segundo a trajectória de cada sujeito no espaço social e as especificidades culturais e históricas exercidas sobre esse mesmo 'microcontexto da experiência'.

Procurámos verificar como no acto de lembrar as suas vidas os residentes reconstroem a sua identidade pessoal e social, à luz do seu passado e do seu presente, como a sua *experiência* da passagem do tempo, e como a evocação desta *experiência*, é um elemento crucial para os sujeitos manterem a sua individualidade numa instituição que tende a homogeneizar e a dissolver estas mesmas particularidades<sup>2</sup>.

Para concretizar o estudo da problemática referida conduzimos pesquisa etnográfica num Lar privado, em Lisboa. Durante este período procurámos

---

cumplicidade, entusiasmo e apoio permanente constituíram (e constituem) um estímulo constante para prosseguir com o trabalho; e o Prof. José Manuel Sobral, cujas sugestões, críticas e comentários, constituem apenas parte de uma influência intelectual incontornável. O texto aqui presente deriva da monografia então produzida e da 'confiança necessária' recebida por parte da Prof. Paula Godinho e da Prof. Margarida Fernandes para passarmos as 'margens liminares' e aventurarmo-nos noutros terrenos.

<sup>2</sup> Os contextos específicos, como os Lares de Terceira Idade, direccionados exclusivamente para um grupo etário podem analiticamente ser pensados como *instituições totais*, segundo a terminologia de Erving Goffman (Rodrigues, 1999; Paterniti: 2003). Segundo Joana Rodrigues: *estas [as instituições totais] impõem cultura, que constitui uma contravisão do mundo, que coloca os frequentadores numa posição de distanciamento em relação à cultura institucional* (1999: 75). Esta posição de distanciamento face à sociedade envolvente dilui as particularidades da trajectória biográfica de cada um dos residentes, algo sentido por estes como uma opressão face à individualidade que os caracterizava antes da entrada para o Lar. Aquilo que torna cada indivíduo uma pessoa é ritualmente diluído em rotinas produzidas pelo *fechamento* e pelo *totalitarismo* que caracterizam o Lar (Rodrigues, 1999: 77).



recolher dados discursivos e não discursivos relacionados com o quotidiano da instituição (rotinas e regras do funcionamento do Lar) e dos sujeitos estudados, com a intenção de apreender quais as características das condições objectivas, instituídas, determinantes nas relações que os residentes estabelecem entre si; e perceber também até que ponto a *experiência* de envelhecer dos próprios residentes é em si mesma, em parte, um produto destas mesmas condições<sup>3</sup>.

No decorrer da pesquisa etnográfica efectuámos entrevistas, com o objectivo central de recorrer a uma outra metodologia, a *pesquisa biográfica*<sup>4</sup>. Os testemunhos biográficos recolhidos no contexto do Lar pretendem ser exemplificativos da importância do acto de lembrar um trajecto, que para os residentes é condição da sua mais íntima individualidade e fonte de identidade. A importância destes testemunhos reside no facto de serem simultaneamente uma abordagem subjectiva, que os sujeitos concretizam pela lembrança, face ao seu passado e presente; e por apresentarem regularidades sociais, disposições, pois consideramos que a rememoração se faz segundo as disposições inscritas no *habitus*<sup>5</sup>, isto é, de acordo com um sistema de valores socioculturais incorporados (e *corporificados*) em experiências passadas, ao longo do processo de socialização.

Iremos aqui tratar de averiguar o modo como o passado, o tempo vivido, é usado pelos velhos na reconstrução da sua identidade. Os *velhos*, depois de viverem a sua vida, ao relembrares o passado, estão a reconstruir a matéria de que ela foi feita. Esta reconstrução implica uma impossibilidade de se reviver o passado de igual forma no presente, porque o ponto de vista

---

<sup>3</sup> Assumimos nesta formulação a influência de Paul Willis (2000). O autor propõe uma abordagem teórico-metodológica nas ciências sociais que denomina como '*imaginação etnográfica*' (ou '*metodologia teórica profana*'). Esta consiste na justaposição e permanente diálogo entre os dados concretos e quotidianos registados pela prática etnográfica e um conjunto de ferramentas teórico-conceituais que permitam dar conta dos modos práticos e *corporificados*, através dos quais os agentes sociais '*criam sentido (s)*' face a condições de existência estruturadas e '*formas*' (materiais, objectos, artefactos) histórico-culturais situadas.

<sup>4</sup> A consolidação desta metodologia no seio das ciências sociais, nomeadamente na Antropologia e na História, deveu-se em grande parte aos contributos da *Escola de Chicago* (Casal, 1997: 96/97) e do movimento da *História Oral* (Thompson: [1978]1988). Recentemente Roberts (2002) sintetiza as temáticas e autores que recorreram à pesquisa biográfica e sistematiza futuras áreas de aplicação do método.

<sup>5</sup> A teoria da prática, ou conhecimento praxiológico, desenvolvida por Pierre Bourdieu ([1972]2000), permite-nos situar a *experiência* do sujeito nas condições objectivamente estruturadas, que delimitam as possibilidades de concretização da acção social; sendo que esta acção, ou prática, é orientada por *esquemas generativos*, constitutivos do *habitus*. Este é entendido como um sistema de disposições duráveis que formam, *no e pelo* agente, uma matriz de percepção, apreciação e acção, realizada em determinadas condições sociais (Bourdieu, ([1972]2000: 72). Sobre a importância da teoria da prática na Antropologia ver Ortner (1984).

do *velho* irá sempre *modelar* e *desfigurar* as recordações, a partir do contexto presente (Bosi: 1995). Pretendeu-se verificar como a temporalidade *experienciada* pelos indivíduos no decurso das suas vidas advém de descontinuidades estruturadas socialmente; e como a memória é um meio preferencial para evocar o tempo que se viveu. A particularidade de lembrar um trajecto de vida, na velhice, no contexto de um Lar, advém da relação entre memória e identidade, que procuraremos clarificar. Por último apresentamos aquilo que consideramos ser a síntese do referido anteriormente: uma abordagem da *experiência* individual da passagem do tempo, protagonizada por dois residentes do Lar, que reconstruíram as suas vidas sob a forma de lembranças contadas num Lar.

Começaremos pelo *presente etnográfico*, foi *através* dele que este texto começou a ser *imaginado*.

## 2. Espaço, Tempos e Ritmos num Lar<sup>6</sup>

Fui ao Lar pela primeira vez no dia 3 de Maio de 2002. O contacto do Lar foi-me dado por uma pessoa amiga que conhecia a sua directora, e que me assegurou ser bem recebida e ter acesso a todas as informações pretendidas. Cheguei ao Lar, toquei à campainha, a porta foi aberta passado alguns segundos. Fui recebida por uma senhora, a D. Carminda<sup>7</sup>, que mais tarde vim saber ser a cozinheira do Lar, e antiga empregada da família da directora.

Foi difícil habituar-me ao espaço, aos recantos, a uma dimensão reduzida de vida. Assim que se entra no Lar, há um hall onde está afixado o seu Regulamento Interno. Deste consta que a sua finalidade reside em proporcionar: *alojamento e prestação de serviços destinados a pessoas idosas, e prestação de serviços a idosos durante o dia, sem alojamento*. Do nosso lado esquerdo vamos pelo corredor, onde se abrem as portas que dão para a cozinha, bastante ampla, com um elevador interno para levar a comida aos outros dois andares; a lavandaria, onde estão as máquinas; a despensa e uma escada que vai dar a um terraço, de onde se vê parte do rio Tejo, e onde a roupa é estendida. Perto da cozinha temos uma sala onde as funcionárias guardam as suas coisas e o quarto da D. Carminda, cozinheira e também residente, a qual, segundo me disse: “...já nem conseguia viver noutra sítio”. Subindo as escadas a partir do hall temos a sensação que a luz vai diminuindo, o cheiro

---

<sup>6</sup> Utilizaremos ao longo deste ponto do texto a primeira pessoal do singular no sentido de evocar (no modo discursivo) a dimensão autobiográfica da prática etnográfica. Apesar de não desenvolvermos esta temática no artigo presente, remetemos o leitor interessado para a colectânea organizada por Okely e Callaway (1992).

<sup>7</sup> Todos os nomes referidos são fictícios com o intuito de preservar a confidencialidade da entidade, funcionários e residentes do Lar.



transporta-nos para um retiro onde estão pessoas em estado de quarentena. Saímos da escada no primeiro andar, à nossa frente está uma sala de estar, com uma televisão, alguns sofás, as janelas fechadas e os cortinados corridos. À nossa direita temos um corredor, para onde dão os quartos e uma casa de banho. Um longo corrimão acompanha o corredor para que os residentes se possam deslocar melhor.

Subimos o que resta das escadas para chegar ao segundo andar. Para sairmos da escada temos que abrir uma portinhola que fecha as escadas, porque já houve residentes que quiseram descer as escadas sozinhos e caíram, aleijaram-se. No segundo andar temos uma outra sala, o mesmo corredor com quartos e uma casa de banho, a sala da directora e a farmácia.

Os tempos e ritmos no Lar tendem a ser repetitivos, uniformes. De manhã os residentes, que o podem fazer, são levantados das camas e lavados. São momentos penosos para eles. Sentem todos os dias a sua intimidade física ser invadida por olhares estranhos, sentem que a debilidade do corpo os obriga a não terem autonomia suficiente. Sequer para irem à casa de banho sozinhos. As funcionárias tentam “aliviar” esta rotina, pelo menos na minha presença, tratando-os como se fossem crianças pequenas, infantilizando os queixumes dos residentes no que se refere ao uso das fraldas, à temperatura da água, o modo como as mulheres querem ver o seu cabelo penteado, ou quando os homens não permitem às funcionárias tirar-lhes a roupa interior. As mulheres e os homens que vivem neste Lar sentem pela manhã a imposição de uma rotina que não é a sua. Não aquela que se lembram ter tido antes da ida para o Lar, quando ainda se podiam lavar sozinhos, guardar para si próprios a imagem do corpo envelhecido, quando tinham controlo sobre a sua realidade mais íntima: o corpo.

O pequeno-almoço é servido aos residentes nas duas salas, entre as 8.30h e as 9.30h. Enquanto isso as funcionárias arrumam os quartos, tratam das roupas, preparam a medicação de cada um. Este período é o de maior movimento no Lar: a televisão é ligada, os ruídos dos programas, concursos, telenovelas, telejornais começam a invadir o Lar. A D. Carminda começa a preparar o almoço cedo e as refeições específicas para cada residente. Por exemplo, para a D. Sara, a “mascote do Lar”, é sempre feita no início de cada semana uma sopa especial, “*mais reforçada*” como me disse a cozinheira, “*porque ela está muito fraquinha...*”. Pela manhã, há também mais conversa entre os residentes, se dormiram bem ou mal, queixumes sobre algum remédio, perguntas sobre o que vão ser as refeições nesse dia, recordações do que cozinhavam quando estavam nas suas casas.

O almoço é servido entre as 12.30h e as 13.30h nas salas. As funcionárias levam o almoço em tabuleiros aos residentes que estão nos sofás, e outros comem numas mesas improvisadas, encostadas às paredes, obrigando-os a comerem com o rosto de frente para uma parede. A D. Carminda



disse-me tentar variar o conteúdo das refeições. Por exemplo, se ao almoço comem carne, à noite comem peixe. A fruta não pode faltar, e existe sempre uma sobremesa, sendo a mais famosa o Arroz Doce da D. Carminda, elogiado, e esperado, por todos.

Depois do almoço surge a esperança de uma visita. O Lar não impõe um horário rígido para os residentes receberem visitas, apesar de haver um horário oficial para tal das 13.30h às 18.00h. As visitas são escassas, todos os residentes me referiam este facto. Entretanto, quando recebiam alguma visita sabiam que a despedida significava mais um longo período de abandono. A visita mais regular acontece no início de cada mês, quando um familiar ou alguém mais próximo de cada residente vem ao Lar para pagar a mensalidade.

A partir das 18.00h começa a ser preparado o jantar. Começa-se a sentir o cheiro da comida que se espalha pelo Lar. Este cheiro alerta os residentes, que dentro em pouco começam a jantar. A D. Carminda tem o cuidado de preparar refeições mais ligeiras à noite, pois pouco depois das 19.30h todos começam a deitar-se. O aproximar da noite traz mais silêncio. As funcionárias vão para as suas casas, pois apenas a D. Carminda, a cozinheira, vive no Lar. O processo de deitar, tomar as medicações, é difícil para alguns dos residentes, não só porque mais uma vez seguem uma rotina que muitas vezes não coincide com a sua vontade, como também surge o medo de dormir. Todos os residentes do Lar em dado momento de uma conversa me falaram sobre este medo, o medo de não acordar. Disse-me o Sr. Manuel, que em Esposende um conhecido ditado popular dizia que: “*O sono é a antecâmara da morte...*”

Os residentes são levados para os seus quartos por volta das 20.00h. São abertas as camas, são deitados. Todos os quartos têm janelas, cortinas claras, velhas, e as paredes estão pintadas com um bege claro. Nas mesas de cabeceira alguns dos residentes têm uma fotografia de um parente, ou uma jarra com uma flor, um despertador, um copo de água, alguma medicação de que possam precisar durante a noite, e um candeeiro. Os objectos pessoais são escassos, tornando os quartos despidos das marcas habituais que cada um imprime ao espaço que habita. As camas estão todas afastadas das paredes, conforme ordenado pela legislação da segurança social. Esta ordenação foi objecto de crítica não só da directora, mas também de alguns residentes, que encontravam algum amparo no facto de um lado da cama estar encostado à parede: sabiam que para esse lado não podiam cair<sup>8</sup>. A nova disposição das

---

<sup>8</sup> Sobre a relação entre espaço físico e espaço social diz-nos Pierre Bourdieu que o espaço físico ocupado por um dado indivíduo localiza-o no espaço social, coloca-o relacionalmente numa dada posição social, isto é, as estruturas do espaço físico reproduzem as estruturas do espaço social ([1993]1997: 162). A diferença de capital apropriado pelos agentes delimita as suas possibilidades de *mobilidade espacial*. No caso dos residentes do Lar, estes estão, conforme nos sugere o autor, *presos a um lugar*; a violência simbólica sentida pelos residentes



camas alterou hábitos de dormir e aumentou a fragilidade que todos os residentes sentem mais durante um sono que só por vezes consegue ser sereno e repousante.

Desde o primeiro momento, desde a primeira conversa que tive com um dos residentes, mesmo quando a pergunta era relacionada com a vida que levavam no Lar, a resposta alargava-se para que fosse feito o contraponto com as suas vidas antes da entrada para o Lar. A conversa levar-nos-ia sempre a um momento do seu passado, a uma lembrança sobre a família, o trabalho ou a meninice na escola. A memória era o suporte da narrativa pessoal que os distinguia, que os tornava pessoas cujas diferenças e semelhanças com os outros eram encontradas na sua *experiência* individual da passagem do tempo. O acto de relembrar, de narrar a sua experiência de vida, conferia aos residentes um significado pessoal e social que lhes fora retirado com a entrada para a instituição.

### 3. Tempo, Memória e Identidade

No contexto das ciências sociais, nomeadamente na Antropologia, o estudo do tempo esteve quase sempre presente enquanto uma das dimensões da vida social. No entanto, só a partir dos anos 80/90 começa a delinear-se uma antropologia cultural do tempo, com o objectivo central de analisar os processos socioculturais pelos quais a temporalidade da vida humana é construída<sup>9</sup>.

Michael Young analisa a dimensão cíclica e linear do tempo, que considera serem complementares. O autor assinala a dimensão cíclica do tempo pela permanência de “três ciclos”: os genes, o hábito e a memória. Por analogia com o “relógio biológico” o autor procura perspectivar o que considera ser o “relógio sociológico”, que é tão omnipresente e sincronizador quanto o primeiro por força do *hábito* e do *costume* (1988: 76). Um modo de estruturar socialmente o tempo está relacionado com a divisão do ciclo de vida biológico em grupos de idade que remetem para determinadas categorias: criança, adulto ou velho.

A estruturação social do tempo em grupos de idade é constituída por rituais que acompanham as transições pelas quais o indivíduo passa ao longo

---

do Lar está inscrita no espaço: a falta de privacidade dos quartos, o acto de comer uma refeição com os rostos virados para a parede, ou o afastamento das camas das paredes, ordenado pelo segurança social.

<sup>9</sup> Sobre este assunto ver, por exemplo, Nunn (1992), Adam (1994) ou Giddens (1987). Evans-Pritchard ([1940]1980) é um dos primeiros antropólogos a sistematizar o estudo dos conceitos de espaço e tempo, decorrente da sua experiência de *trabalho de campo*, entre os Nuer, no Sudão. O trabalho de Clifford Geertz ([1973]1978) sobre os conceitos de pessoa e tempo em Bali é habitualmente referido como um dos protagonistas do debate antropológico entre tempo estático versus tempo linear. Para uma crítica deste último ver Bloch (1977).

da sua vida, desde o nascimento, infância, a vida adulta e a velhice, e que remetem para uma determinada identidade social (Hockey e James, 2003: 24).

Podemos considerar que o envelhecimento biológico é acompanhado de um envelhecimento social, ritualmente estruturado em categorias de acordo com a idade, e que são constitutivas da identidade social do sujeito em dado momento da sua vida, incluindo na velhice<sup>10</sup>. Os significados sociais associados à velhice e outras fases do ciclo de vida estarão sempre dependentes do contexto em que ocorrem (Lima e Viegas: 1988). O modo como apreendemos a passagem do tempo, o envelhecimento, está dependente de ‘processos sociotemporais’. Os ‘processos sociotemporais’ tendem a ser repetitivos, padronizados ritualmente, sabemos que outros já experienciaram esta mesma dimensão cíclica do tempo, simultaneamente sabemos que apesar de repetitivo o tempo é irreversível. Na experiência individual da passagem do tempo coexistem as suas duas dimensões: cíclica e linear.

Michael Young (1988), Barbara Adam (1994) e Richard Jenkins (2002) concordam que só podemos *experienciar* o passado e futuro no presente. Barbara Adam refere que:

O passado e o futuro só podem ser vividos, experienciados, procurados, capturados ou recapturados ou relacionados entre si, no presente. Qualquer realidade que transcenda o presente tem de se exibir no presente (tradução livre do original, 1994: 143).

Para esta autora a capacidade de *transcendência* do ser humano está relacionada, por um lado, com a transitoriedade e a finitude humana e, por

---

<sup>10</sup> Concordamos com o argumento central desenvolvido por Richard Jenkins ([1996]2003) sobre a noção de identidade social. Jenkins perspectiva *a identidade social como um processo*: a construção da identidade é operada segundo dois princípios dinâmicos, a similaridade e a diferença, no contexto de interacção social e institucionalização. Daqui advém que todas as identidades (individuais e colectivas) são constituídas através da *dialéctica de identificação interno/externo*, esta enforma as auto-definições (interno) e as definições (externo) que nos são atribuídas pelos outros. A identidade social condensa duas instâncias, a *nominal* e a *virtual*. A primeira refere-se à categoria/rótulo com o qual o indivíduo é identificado; a segunda tem que ver com a experiência vivenciada dessa mesma categoria. A identidade social de velho é experienciada quotidianamente pelos residentes do Lar numa dialéctica permanente entre a categoria de *velho* (nominal) e o *ser-se velho* (virtual). Nem o nominal é mais ‘real’ do que o virtual ou vice-versa; eles são aspectos do mesmo processo. Por um lado existe o rotular ou nomear categoricamente os indivíduos, por outro lado existem as acções do indivíduo e as suas respostas face ao contexto: *todas as identidades combinam o nominal e o virtual. É na interacção entre ‘carreiras de identidade’, juntando o colectivo e o individual que as dimensões nominal e virtual emergem como elementos significativos da biografia* (tradução livre do original, Jenkins, [1996]2003: 79). A distinção proposta por Jenkins entre *nominal* e *virtual* é claramente influenciada pelo trabalho de Goffman ([1963]1988) sobre o conceito de *estigma* e a distinção entre *identidade social virtual* e *identidade social real*.



outro lado, com a capacidade de evocar, a partir do presente, o passado e o futuro. A evocação do passado ou o ‘trabalho da memória’ foi o nosso argumento inicial: lembramos o passado para reconstruir o que somos no presente.

Por sermos ‘criaturas do tempo’, a memória assume-se como o meio preferencial pelo qual evocamos a experiência de um tempo socialmente estruturado, e aquele que é o nosso mais íntimo tempo, contido naquelas que são as *nossas* memórias. As lembranças que temos do nosso trajecto de vida referem-se a acontecimentos particulares por que passámos, vividos em determinados contextos sociais, mas que assumimos como ‘invioláveis’, como tendo sido apenas nossos (Lowenthal, 1985: 195). Todavia, para que as nossas recordações tenham significado e sejam validadas confiamos na sua partilha com os outros.

Maurice Halbwachs foi um dos primeiros autores a dedicar-se ao estudo da memória enquanto fenómeno social<sup>11</sup>. O objecto de estudo, para Halbwachs, é a memória na dependência dos *quadros sociais*, isto é, as operações da memória não são simplesmente mediadas pelos contextos sociais, mas estruturadas pelos mesmos. A memória de um indivíduo irá depender do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, e todos os grupos de referência e convívio particulares a esse indivíduo. Só através da pertença a um grupo social os indivíduos são capazes de adquirir e evocar as suas memórias, embebendo a memória individual na memória do grupo, a memória colectiva (Halbwachs, [1942] 1992: 38).

O autor enfatiza o papel das instituições, com especial destaque para a família, na formação e persistência das memórias<sup>12</sup>. São os vínculos sociais das lembranças que permitem a sua durabilidade, e por isso é necessário *fixar a pertinência dos quadros sociais e das instituições e das redes de convenção verbal no processo que conduz à lembrança* (Bosi, 1995: 64). A dis-

---

<sup>11</sup> Sobre os trabalhos efectuados nesta área ver a síntese sugerida por Olick e Robbins (1998). Sobre a construção social da memória e do esquecimento ver o conjunto de trabalhos organizados por Middleton e Edwards ([1990]1992). No contexto da antropologia portuguesa os processos da construção social do tempo, do passado e da memória também já foram objecto de investigação, ver, por exemplo, Pina Cabral (1987), Iturra (1987), Pais de Brito (1987) e Godinho (1998).

<sup>12</sup> Paul Connerton concorda com as propostas centrais de Halbwachs, mas considera que o autor não sistematizou como, no interior do mesmo grupo social, as memórias são conservadas e transmitidas à geração seguinte. O autor defende que existe uma memória partilhada entre os indivíduos, *em qualquer ordem social*, uma memória colectiva ou social, que é conservada e transmitida através de *cerimónias comemorativas e práticas corporais*. A onnipresença da memória social na conduta da vida quotidiana, diz-nos o autor reside no facto de: *O mundo do inteligível, definido em termos de experiência temporal, [ser] um corpo organizado de expectativas baseadas na recordação* ([1989]1995: 7).

sociação entre memória individual e social é infrutífera, uma vez que o sujeito que relembra (sublinhe-se que apenas este pode lembrar) fá-lo segundo matrizes sociais (constitutivas do *habitus*):

(...) em si mesmo e por si mesmo, a memória é simplesmente subjectiva. Ao mesmo tempo, contudo, a memória é estruturada pela linguagem, pela aprendizagem e pela observação, por ideias colectivas e pela experiência partilhada com os outros. Isto faz com que a memória seja também social (tradução livre do original, Fentress e Wickham, 1992: 7).

A *memória feita corpo* (a sedimentação da memória no corpo permite preservar deliberadamente o passado sem o representarmos explicitamente com palavras ou imagens; como é exemplo a memorização de posturas socialmente legítimas atribuídas aos homens e às mulheres) conforme nos refere José Sobral, pode também ser uma estratégia de resistência, face à imposição de uma identidade social a um grupo numa posição hierárquica inferior. Debruçando-se sobre o contexto rural, este autor, assim como outros<sup>13</sup>, propõe-nos que a memória de cada indivíduo é constitutiva de uma identidade diferenciada socialmente, construída ao longo de uma trajectória que é para o indivíduo, a sua vida (1998: 41). A relação entre experiências vividas no passado e identidade é para o presente texto de grande importância. Lembrar um trajecto de vida, na velhice, implica um trabalho de selecção e reconstrução operado pelo sujeito no presente, delimitado pelas matrizes sociais em que esteve implicado durante a sua vida. A memória de cada sujeito é portadora de um conjunto de referências sociais: num dado presente o indivíduo gere a sua nova condição, a sua identidade, de acordo com eixos adquiridos e aprendidos no passado. Os momentos de rememoração afiguram-se como parte constitutiva do processo em que a identidade presente é actualizada pela lembrança.

Paul Antze e Michael Lambek (1996) referem que a memória é um discurso identitário actualizado nas práticas sociais, individuais e colectivas, que envolvem os usos culturais e institucionais pelos quais a memória é objectivada e mediada, isto é, transformada em identidade. Para os autores: *who people are is closely linked to what they think about memory, what they remember, and what they can claim to remember* (Antze e Lambek, 1996: xxi). Os autores referem ainda que a própria estabilidade da referência pronominal, o 'eu' que recorda, pressupõe uma identidade contínua, pressupõe que o 'eu' que recorda no presente seja identificado com o 'eu' no passado.

---

<sup>13</sup> Veja-se, por exemplo, Candau ([1996]2002), Gillis (1994), Antze e Lambek (1996) ou Casey ([1987]2000). Sobre a relação entre o conceito de *self* (entendido pelo autor como *soul*) e as 'políticas da memória' ver, em particular, Hacking (1994).



Edward Casey converge com os autores referidos na articulação entre memória e identidade, sendo particularmente assertivo no modo como ilustra a íntima relação entre a estrutura temporal da consciência e o acto de recordar:

(...) it is an inescapable fact about human existence that we are made of our memories: **we are what we remember ourselves to be**. We cannot dissociate the remembering of our personal past from our present self-identity. Indeed, such remembering brings about this identity (o sublinhado é meu, [1987]2000: 290).

A questão que se coloca é qual a pertinência da memória, como suporte identitário, numa fase específica da vida de um indivíduo, a velhice? Como já referimos anteriormente, ao lembrar, os velhos estão também a ser parte da *memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade*. Estes quadros sociais através dos quais as lembranças são verbalizadas e evocadas são também os espaços onde a identidade social do sujeito foi construída. Estes quadros de referência, asseguram, de modo especial na velhice, que é a situação presente, a continuidade com o que se foi no passado.

No contexto do Lar, quando pedimos aos velhos que nos narrassem a sua história de vida, o que foi lembrado foi a *experiência* individual da passagem do tempo. É esta experiência que individualiza o sujeito na velhice, o que foi vivido e reconstruído pela lembrança é a substância social de uma identidade presente.

#### 4. A *Experiência* Individual da Passagem do Tempo

Tal como referimos inicialmente, a *experiência* de vida do sujeito, e a sua rememoração, está imbuída numa matriz de redes objectivas constitutivas da identidade construída ao longo da 'história' da sua vida. Por esta razão, Pierre Bourdieu sugere que pensar a vida de um indivíduo apenas como uma história que o próprio relata é uma ilusão, isto é pensá-la como um romance com princípio, meio e fim induz em erros analíticos ([1986]1996: 185). O único dado constante destacado pelo autor, e que imprime à identidade desde logo um carácter socialmente construído é o nome próprio, a nomeação institui uma identidade social durável num corpo biológico em permanente mutação.

Deste modo, o autor sugere que se conceptualize a experiência de vida do sujeito não como uma história linear, cronológica, mas como uma *trajectória*<sup>14</sup>. Na pesquisa que efectuámos tentámos ter sempre presente este con-

---

<sup>14</sup> Pensar na vida relemburada como uma *trajectória* permite-nos levar em conta as constantes *colocações* e *deslocações* pelos quais os indivíduos passam no espaço social. Quando se é admitido numa instituição como um Lar, o deslocamento experienciado imprime marcas

ceito de *trajectória*. Não foi nossa intenção efectuar uma reconstituição exaustiva dos contextos sociais em que o sujeito viveu. Pedimos que nos contassem a história da sua vida, os momentos que consideravam como mais importantes. O nosso interesse, tal como para Ecléa Bosi *está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida* (1995: 37). No que foi lembrado é possível verificar que o sujeito opera, pela memória, uma síntese evocatória daquela que foi e é a sua identidade. Uma identidade construída socialmente e ancorada nos espaços físicos e sociais experienciados pelo sujeito ao longo do seu trajecto de vida.

Duas das *trajectórias* lembradas no contexto do Lar foram as da D. Maria e do Sr. Manuel. Na impossibilidade de aqui reproduzir na íntegra as entrevistas conduzidas iremos condensar e evocar as lembranças mais significativas de dois dos residentes para demonstração do argumento que aqui desenvolvemos; e fornecer alguns dados biográficos sobre estes dois residentes.

A D. Maria nasceu na rua do Espírito Santo ao Castelo de São Jorge, em Lisboa, em 1923. Desde os 13 anos que trabalhou na venda, no Largo de São Tomé, até aos 28 anos. Os pais, que nasceram numa aldeia perto de Coimbra, Castelo de Viegas, vieram para Lisboa. No Castelo montaram uma ‘taberninha’ por baixo da casa onde ganhavam o seu sustento. O pai, que tinha sido polícia antes da D. Maria nascer, ia cedo comprar as couves e as hortaliças à Ribeira e à Praça da Figueira; aqui comprava as sacas que depois vendia no Castelo. Quando tinha 24 anos a mãe morre com broncopneumonia, e a este acontecimento sucede-se a passagem de D. Maria pelo Hospital Miguel Bombarda e pelo Hospital Júlio de Matos. Aos 18 anos começa a namorar aquele que viria a ser o seu marido e com quem teve 3 filhos. Nos últimos anos que viveu com o marido moravam na Quinta da Curraleira, até aquele morrer com uma embolia pulmonar em 1987. Algo aconteceu quando aqui vivia, supomos que tenha sido uma *traição* do marido com uma vizinha, a D. Maria nunca disse o que era concretamente, embora refira muitas vezes “aquelas pessoas que lhe fizeram tanto mal”. Em 1997, com 74 anos, veio para o Lar porque já não conseguia andar sozinha, em consequência de uma infecção que apanhou na perna aos 50 anos, e devido à qual teve que ser internada 3 vezes no Hospital do Desterro.

A memória tem uma dupla dimensão: o que é lembrado e o que é esquecido, o que é silenciado. No testemunho da D. Maria podemos verificar que existem dimensões que são repetidas, enquanto que outras são omitidas. No que foi dito, o que foi lembrado, está aquilo que, quem fala, quer que permaneça como sendo a sua “história de vida”. O acto de lembrar seleccionou e reconstruiu, a partir do presente, os momentos marcantes da sua *trajectória*.

---

determinantes no modo como o trajecto de vida é reconstruído pela lembrança. Nos testemunhos recolhidos estas marcas estão presentes, bem como outras etapas significativas, a infância e a vivência escolar, o trabalho, o casamento ou a morte daqueles que amaram.



A D. Maria recorda-se da vivência no Castelo de São Jorge, a vida no bairro, com os pais, as relações com a vizinhança. O tempo da meninice, a escola primária, as brincadeiras de crianças. O começo do trabalho na venda aos 13 anos, uma entrada precoce na vida adulta, pelo trabalho. As excursões que fez com o marido quando este ainda era vivo, a partilha da conjugalidade, que perdeu com a morte do marido. A morte da mãe, embora a D. Maria não o diga directamente nos excertos que aqui transcrevemos, foi um momento marcante na sua vida.

Quando aconteceu a D. Maria tinha 24 anos. A mãe já estava doente há alguns anos com broncopneumonia. O médico do Lar referiu que, clinicamente, o que pode ter ocorrido foi o despoletar de uma depressão. Por isso, foi aconselhada pelo médico, da época, a ir ao Hospital Miguel Bombarda para ter acompanhamento psiquiátrico. Aqui foi-lhe passada uma credencial para ir ao Hospital Júlio de Matos. E foi neste hospital que teve a experiência dos choques eléctricos, que nos relatou.

O que quase nunca é referido são os seus três filhos. A D. Maria não tem quase nenhum contacto com os seus filhos, a não ser nas épocas festivas, como o Natal ou o seu aniversário. Depois da morte do marido, em 1987, a D. Maria ficou a viver sozinha. Os filhos já estavam casados, a pouca família que tem vive quase toda na terra de origem dos seus pais, perto de Coimbra. O filho mais novo soube do Lar, porque mora nas redondezas. Foi este que sugeriu que a mãe estaria mais acompanhada no Lar, porque teria alguém que podia tomar conta dela todo o dia. É este mesmo filho que todos os meses vai ao Lar para pagar a mensalidade, altura em que se vêem. Depois de ter perdido os laços com os seus filhos, a D. Maria silenciou as lembranças destes, porque esta é, sem dúvida, uma memória de dor.

A D. Maria insistiu, em muitos momentos, no seu trabalho, na venda. Num dia em que não tinha levado gravador, registei no diário de campo o que me disse:

Corri o Vale de Santo António, fui para a rua Washington, vinha dar a volta toda pelo vale de Santo António, pelo caminho de ferro, vinha ter aqui à rua Afonso III... Quem me dera andar como andava naquele tempo, hoje quero andar e não posso! Corria tudo, vinha ao Campo de Santa Clara, corria a Feira da Ladra toda, rua da Glória até ao Largo da Graça... belos tempo que vão e não voltam! É verdade.. Quem me dera naquele tempo, era a mulher da fava rica, era a mulher dos queijos, era a mulher das azeitonas, até era uma rapariga chamada Ermelinda! Era um homem a vender com um burro, o tio João, era tremoços, amendoins, havia tudo! Naquele tempo era tudo bom, agora este tempo não presta para nada! Olhe fiz tanta coisa que eu agora já não posso fazer nada!

O Sr. Manuel nasceu em 1913 numa aldeia do concelho de Esposende, Lugar de Vila Nova. A sua juventude é marcada pelo trabalho no campo, nomeadamente, em suas palavras, pelo cultivo do linho. Um de quatro irmãos, casa com 27 anos. Esteve casado durante dez anos até a mulher morrer com pneumonia, nunca teve filhos. Aos 37 anos vem para Lisboa e começa a trabalhar no Instituto Nacional de Estatística. Aos 70 anos reforma-se. O Sr. Manuel está sempre num pequeno recanto do lar, quase não fala com todos os outros; está numa cadeira de rodas porque a perna direita foi amputada, tem uma mesa à sua frente onde toma as refeições, e uma atrás de si, por cima está a janela, onde todos os dias lê o *Correio da Manhã* e inclusivamente assinala com um marcador vermelho as notícias que mais lhe interessam; o Sr. Manuel está a fazer fisioterapia porque pretende pôr uma prótese para voltar a: “*dar os meus passeios...*”, nas suas próprias palavras. Em 1999 vai para o Lar porque já não tem autonomia suficiente para poder viver sozinho.

As lembranças do Sr. Manuel, tal como as da D. Maria, remetem para insistências e omissões. Esta ambivalência da memória foi sempre o fio condutor na rememoração de ambos.

O Sr. Manuel insiste várias vezes nas lembranças que lhe vêm do conhecimento vivido das indústrias rurais desaparecidas, o lagar de azeite que refere, e onde trabalhou, ou o cultivo do linho, cujo ciclo de produção descreve com precisão. A insistência nas actividades de cariz religioso, na aldeia; as procissões na cidade, as igrejas que viu serem inauguradas. Refere-nos a lembrança da morte da sua mulher, pouco depois de terem vindo para Lisboa. Este momento foi sem dúvida marcante, sobretudo porque foi operada uma profunda alteração: do modo de vida rural para o meio urbano.

Esta migração foi consequência dum trabalho que, a sua cunhada, mulher de um dos seus irmãos que já vivia em Lisboa, conseguiu através de pessoas conhecidas. Depois da morte da mulher o Sr. Manuel ainda ficou alguns anos a viver com este mesmo irmão até ir viver sozinho.

Depois da reforma do trabalho o estado clínico da perna obriga o Sr. Manuel a ter que recorrer ao Lar, não como internado, mas para ali tomar as suas refeições, estar mais acompanhado. Só depois da perna ter sido amputada, o Sr. Manuel dá entrada no Lar como residente. A causa principal que levou ao internamento no Lar (tal como para a D. Maria) foi a debilidade do corpo, as doenças, a falta de autonomia. A esta fragilidade juntou-se a perda daqueles que eram próximos (que tantas vezes o Sr. Manuel refere: a morte da sua mulher, dos seus irmãos), a quebra dos vínculos afectivos e sociais: a solidão. As perdas e ausências são evidenciadas quando este nos refere o falecimento do irmão mais velho:

Ele morreu outro dia, o que era mais velho do que eu 4 anos, o Daniel, estava num asilo em Fão, e esse também tinha filhos, o filho dele estava



na Farmácia Imperial, e tem casa todos lá no eirado dele, ele arrumou casa para todos ali à beira deles... e a outra família que estava em São Pedro de Alvito, esse também já morreu... já morreram quase todos...

## 5. A Simultaneidade do Tempo: ‘quando o presente é o passado e o presente’

As evocações feitas pelos dois residentes não esgotam todo o seu trajeto de vida percorrido. Mas demonstram como a lembrança, por mais pessoal que possa apresentar-se, se articula *em quadros sociais, colectivos*. Quadros esses, que estão presentes no processo de estruturação da identidade do sujeito de que o actual presente é parte. Um presente marcado pelas barreiras que o Lar institui a quem relembra; e pela imagem que veicula relativamente aos que aí vivem. O tempo lembrado faz confluír o passado e o presente num único tempo, o do sujeito, aquele que contém a matéria constitutiva de uma identidade social.

Começamos pela evocação verbal da lembrança. Ao narrar o passado, a D. Maria e o Sr. Manuel fazem-no numa língua comum a um colectivo, com um léxico e significados próprios. A partilha das recordações só é possível pela comunicação oral, usando um instrumento colectivo, a linguagem. Esta está associada a convenções e dispositivos que moldam o modo como o passado é lembrado e reconstruído no momento da narração. É esse instrumento colectivo que permite, aliás, comunicar informação – e partilhar emoções – entre quem recorda e quem regista ou lê sob forma escrita a sua recordação.

Quando a D. Maria lembra o seu nascimento, evoca o espaço em que ocorreu, a sua casa perto do Castelo de São Jorge e as parteiras que iam a casa das pessoas. Esta prática era comum aos da *sua criação*, como a própria referiu. A evocação de algo tão pessoal, como o nascimento, foi feita por referência a um espaço social e a uma prática, a intervenção das parteiras, comum a um grupo social, os da *sua criação*. As dimensões pessoais e sociais das lembranças, para aquele que recorda, não existem em separado. É por coexistirem na matéria lembrada, que ambas se validam e se entrelaçam, para poderem ser evocadas como constitutivas de uma identidade, simultaneamente pessoal e social.

As lembranças que se seguem são feitas por referência ao quadro familiar. O pai e a mãe, *o pequeno lugar de hortaliças* e a *taberninha pequenina* que tinham no Castelo. A dado momento diz: *Passava a senhora fidalga, não me esquece! A gente chamava as senhoras condessas...* A “gente” eram aqueles que partilhavam consigo o mesmo quotidiano, que moravam no mesmo sítio, as condessas moravam *num primeiro andar, ali num palácio...* A D. Maria sabe que as suas memórias são também as memórias da “sua gente”, aqueles que eram da sua classe ou meio social.

As lembranças da escola, do exame da 4.<sup>a</sup> classe, convocam artefactos: o *mapa grande*, a *ardósia grande*. Dispositivos simbólicos que remontam a um espaço físico, a redes de sociabilidade e de interacção social marcantes na sua trajectória de vida. A um tempo em que: *...tudo tinha mais graça, tudo era mais bonito! Agora isto não interessa a ninguém, cada vez está pior...*

A recordação da morte da mãe e a ida ao Hospital Miguel Bombarda e ao Hospital Júlio de Matos surgem como episódios demonstrativos da dor vivida. Uma dor, em parte provocada por terapêuticas hoje abandonadas, como os choques eléctricos. Apesar da D. Maria insistir que não se importava de tornar a passar por eles.

Os anos que trabalhou na venda consolidam-se nos espaços que refere, no Largo de São Tomé, nas ruas à volta do Castelo de São Jorge, como referiu noutros momentos. Estes anos asseguram que teve um ofício, um ganha-pão, uma função social, constitutiva de uma identidade construída pelo trabalho; e que se opõe à inactividade experienciada no Lar: *andei, corria tudo, hoje quero andar e não posso!*

Ao ouvir as evocações do Sr. Manuel começamos por vê-lo delinear descontinuidades sociotemporais, ao enumerar práticas ocorridas em tempos diferentes da sua vida. À pergunta em que se inquiria sobre a sua terra, o Sr. Manuel diz-nos que:

naquela altura não havia gasolina...acendiam e iam com bocados de lenha verde a arder na rua, era uma tocha! (...) os lagares antigos, os que eu conheci, uns eram tocados a água, e os outros eram puxados por um animal, um garrano ou um boi a puxar a roda...

São estas imagens que povoam o seu lugar da lembrança, o sítio onde nasceu. A descrição do cultivo do linho serve para nos demonstrar o conhecimento que ainda tem dum ofício que exerceu por muitos anos; um ofício comum aos que como ele trabalharam no campo.

A memória que possui do 25 de Abril, um acontecimento colectivo, está amarrada à experiência do seu irmão, que trabalhava na Emissora Nacional. A sua memória da acção do Movimento das Forças Armadas está ancorada na lembrança do seu irmão a ser expulso da Emissora: *foram lá à noite e correram com eles todos...* Quando se refere ao tempo em que fez serviço militar no Porto, evoca um grande acontecimento da propaganda nacionalista e colonialista estatal dos anos 30, a Exposição Colonial, no antigo Palácio de Cristal. Ao lembrar, o Sr. Manuel sabe que a partilha das suas lembranças será tanto mais definida, quanto mais comuns forem os quadros colectivos que asseguram o seu reconhecimento, e a partilha das suas lembranças com os outros. Daí a sua referência a acontecimentos que se pressupõe serem da experiência ou do conhecimento colectivo, como o 25 de Abril, e a muito



propagandeada – e lembrada na própria historiografia crítica do regime – Exposição Colonial. Pressupõe-se que a evocação deste último acontecimento, tão relevante na época, ainda será acessível a quem não o viveu directamente ou dele está muito mais distante do que do 25 de Abril.

Em vários momentos evocados está presente a religião. Conforme me disse uma vez: *eu sou Apostólico, Católico, Romano...* Esta presença não se refere somente à prática da religião, mas é parte integrante daquela que foi e é a sua identidade, desde a lembrança de que foi baptizado; as procissões que ia ver quando podia andar; a participação na Procissão de Nossa Senhora da Saúde, que se realizava na sua aldeia:

São as procissões da Senhora da Saúde... ali em Esposende... é a 15 de Agosto, a 24 de Agosto é em São Bartolomeu do Mar... a procissão corre ali a vila toda... eles todos os anos lá andam, quando a gente podia lá ir... tinha umas primas ali, a gente encontrava-se todos, uma dessas primas já morreu, coitada... (...) já morreram quase todos...

Era no contexto das actividades religiosas que todos se encontravam, perder estes encontros significou perder os laços sociais produzidos e reproduzidos no ambiente da procissão.

Tanto a D. Maria como o Sr. Manuel fazem confluír nas suas lembranças instâncias colectivas e sociais com episódios vividos apenas pelos próprios. As lembranças estão na dependência de *quadros sociais*, a partir dos quais elas são evocadas e localizadas. Os contextos sociais em que estão embebidas as lembranças de cada um são diferentes, e isso faz com que cada um tenha uma identidade socialmente diferenciada. Isso faz com que as lembranças da D. Maria nos remetam para a esfera da família, as relações de vizinhança, enquanto que o Sr. Manuel nos refere o hábito dos jornais, o posicionamento político; estas diferenças espelham, em parte, papéis sociais diferentes, por exemplo, que mostram como o género é também um quadro constitutivo da memória.

Num espaço como um Lar, uma pequena organização sujeita às rotinas de todas as instituições burocráticas, que tendem a tratar os residentes como uma categoria homogénea – os *utentes* do Lar –, a memória permite a cada um reconstruir e lembrar a sua identidade pessoal, que é o produto da experiência individual da passagem do tempo e da acção do indivíduo sobre essa mesma *experiência*.

Procurámos aqui relacionar três eixos: a velhice, a memória e a identidade. Ser *velho* implica fazer parte duma categoria socialmente constituída, (tal como outras categorias etárias), à qual são atribuídas determinadas características. Estas características são particularmente acentuadas no caso dos lares, as instituições que se especializaram justamente em *velhos*.

O tempo da vida dos residentes antes da ida para o Lar foi sujeito a descontinuidades socioculturais, acompanhadas de ritualizações que asseguravam a passagem de uma categoria para outra: a infância, a vida adulta, a velhice. Isto significa que o tempo de vida biológico foi estruturado por processos sociotemporais. A ida para o Lar afigura-se como um dos momentos constitutivos da *experiência* da temporalidade na vida dos residentes – o último, de modo objectivo e na sua própria percepção das coisas.

Como se mostrou, a relação entre memória e identidade é evocada por vários autores. A temporalidade experienciada pelo indivíduo ao longo da sua vida é, na velhice, recapturada pela memória. O tempo que se viveu não é igual ao tempo lembrado. O contexto em que se lembra, o Lar, possui características funcionais que *moldam e desfiguram* as recordações. Mas no que é lembrado, embora seja, em alguns momentos um lembrar sofrido, como quando o Sr. Manuel se lembra de todos os que já morreram, está aquilo que se quer que permaneça. O facto do Sr. Manuel se referir tantas vezes aos que estão ausentes significa que ele sabe que a sua memória também é a memória que com ele partilharam os mesmos espaços de referência, de convívio. A sua memória foi construída colectivamente, no seio da família ou com os colegas de trabalho, e cada vez que o Sr. Manuel recorda está a reconstruir, e a reencontrar, a sua experiência individual da passagem do tempo.

Como disse o Sr. Manuel: *o tempo passa-nos por cima da cabeça!* O tempo vivido não é reversível, mas o tempo lembrado permite-nos evocar, e reencontrar, nem que seja num instantâneo que condensa experiências passadas, identidades – sociais, familiares, de ocupação – que aparentemente se perderam no contexto do Lar, quando se passou a possuir as identidades de *velho e utente*.

Quando a D. Maria e o Sr. Manuel recordam, eles não são apenas velhos residentes dum Lar, mas são um homem e uma mulher com identidades sociais diferenciadas, reconstruídas pela memória. São sujeitos cuja experiência individual da passagem do tempo é diferente, cuja trajectória de vida no passado é parte integrante da identidade no presente. É precisamente ao evocarem o passado – e por o evocarem – que eles mostram que foram e continuam a ser algo mais do que velhos, transcendendo o presente.

Nada do que aqui foi escrito é conclusivo, tal como o contexto presente onde os sujeitos em análise vivem, também não o é, em relação à sua identidade. Esperamos que o trabalho aqui desenvolvido possa contribuir para uma investigação comparada sobre os processos de reconstrução identitária na velhice vivida noutros contextos (em casas particulares, com ou sem familiares descendentes; em regime alternado nos Centros de Dia; em contexto de internamento hospitalar por doença física ou mental; nos Lares da Misericórdia ou nas recentes criadas ‘Residências de Luxo para a Terceira Idade’),



de modo a confirmar ou não, a especificidade da memória e a sua evocação (sendo que só pela rememoração é possível recapturar a *experiência* individual da vivência de um tempo socialmente estruturado) como matriz de uma identidade passada e presente.

## Bibliografia

- Adam, Barbara (1994) *Time and Social Theory*, Cambridge: Polity Press
- Antze, Paul e Lambek, Michael (1996) "Introduction: Forecasting Memory" in *Tense Past: cultural essays in trauma and memory*, Paul Antze e Michael Lanbek (eds), London: Routledge
- Bloch, Maurice (1977) "The Past and the Present in the Present" in *Man*, vol.12, n.º 2: 278-292
- Bosi, Ecléa (1995) *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, São Paulo: Companhia das Letras
- Bourdieu, Pierre ([1972]1978) *Outline of a theory of practice*, Cambridge: Cambridge University Press
- Bourdieu, Pierre ([1993]1997) "Efeitos de Lugar" in *A Miséria do Mundo*, (org) Pierre Bourdieu, Petrópolis: Editora Vozes
- Bourdieu, Pierre ([1986]1996) "A Ilusão Biográfica" in *Usos e Abusos da História Oral*, (eds) M. M. Ferreira e J. Amado, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas
- Candau, Joel ([1996]2002) *Antropologia de la Memoria*, Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión
- Casal, Adolfo (1997) "Suportes teóricos e epistemológicos do método biográfico" in *Ethnologia*, Dpt. Antropologia da F.C.S.H., n.º 6-8: 87-104
- Casey, Edward S. ([1987]2000) *Remembering: a phenomenological study*, Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press
- Connerton, Paul ([1989]1999) *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras: Celta
- Evans-Pritchard, E. ([1940]1980) *The Nuer*, Oxford: Oxford University Press
- Fentress, James e Wickham, Chris (1992) *Social Memory*, Oxford UK e Cambridge EUA: Blackwell
- Geertz, Clifford ([1973]1978) "Pessoa, Tempo e Conduta em Bali" in *A Interpretação das Culturas*, Rio de Janeiro: Zahar Editores
- Giddens, Anthony (1987) "Tempo e Organização Social" in *Actas do Encontro: A construção social do passado*, Lisboa: APH (Associação dos Professores de História)
- Gillis, John R. (1994), "Memory and Identity: the history of a relationship" in *Commemorations: the politics of national identity*, (ed) John R. Gillis, EUA: Princeton University Press
- Godinho, Paula (1998) *Memórias da Resistência Rural no Sul: o Caso do Couço (1958-1962)*, Lisboa: FCSH/UNL, dissertação de doutoramento em Antropologia
- Goffman, Erving ([1963]1988) *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, Rio de Janeiro: Guanabara
- Hacking, Ian (1994) "Memoro-politics, trauma and the soul" in *History of the Human Sciences*, vol.7, n.º 2: 29-52 (volume temático intitulado: *Identity, Self and Subject*)

- Halbwachs, Maurice ([1941]1992) *On Collective Memory*, Chicago e London: The University of Chicago Press
- Hastrup, Kirsten (1995) *A Passage to Anthropology: Between Experience and Theory*, London: Routledge
- Hockey, Jenny e James, Allison (2003) *Social Identities across the Life Course*, NY: Palgrave Macmillan
- Iturra, Raul (1987) “A escrita e a oralidade: a geneologia na construção do passado” in *Actas do Encontro: A construção social do passado*, Lisboa: APH (Associação dos Professores de História)
- Jenkins, Richard ([1996]2003) *Social Identity*, Londres e Nova York: Routledge
- Jenkins, Richard (2002) “In The Present Tense: time, identification and human nature” in *Anthropological Theory*, vol. 2(3): 267-280
- Kleinman, Arthur (1996) “Suffering and its Professional Transformation: toward an ethnography of interpersonal experience” in *Writing at the Margin: discourse between anthropology and medicine*, Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press
- Kleinman, Arthur e Kleinman, Joan (1997) “The Appeal of Experience; The Dismay of Images: Cultural Appropriations of Suffering in Our Times” in *Social Suffering*, (ed) Arthur Kleinman *et al*, Berkeley, Los Angeles e London: University of California Press
- Lima, Antónia e Viegas, Susana (1988) “A diversidade cultural do envelhecimento: a construção social da categoria de velhice”, in *Psicologia*, Vol. 6: 149-158
- Lowenthal, David (1985) *The Past is a Foreign Country*, Cambridge: Cambridge University Press
- Matos, Patrícia (2003) *Ser-se mais do que velho: tempo, memória e velhice no contexto de um Lar*, dissertação de licenciatura, FCSH/UNL, policopiado
- Middleton, David e Edwards, Derek (org) ([1990]1992) *Memoria Compartida: la naturaleza social del recuerdo y del olvido*, Espanha: Ediciones Piados
- Nunn, Nancy D. (1992) “The cultural Anthropology of Time: a critical essay” in *Annual Review of Anthropology*, 21: 93-123
- Okely, Judith e Callaway, Helen (1992) (org) *Anthropology and Autobiography*, Londres: Routledge
- Olick, Jeffrey K. e Robbins, Joyce (1998) “Social Memory Studies: from ‘collective memory’ to the historical sociology of mnemonic practices” in *Annu.Rev.Sociol.*, 24: 105-40
- Ortner, Sherry B. (1984) “Theory in Anthropology since the sixties” in *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 26, n.º 1: 126-166
- Pais de Brito, Joaquim (1987) “Tesouros: o passado, o presente e o risco da desordem” in *Actas do Encontro: A construção social do passado*, Lisboa: APH (Associação dos Professores de História)
- Paterniti, Debora A. (2003) “Claiming Identity in a Nursing Home” in *Ways of Aging*, (eds) James F. Gubrian e James A. Holstein, Oxford UK e Cambridge EUA: Blackwell
- Pina Cabral, João (1987) “A avaliação do tempo entre a população camponesa do Alto Minho” in *Actas do Encontro: A construção social do passado*, Lisboa: APH (Associação dos Professores de História)
- Pujadas, Juan (1992) *El Método Biográfico: El uso de las historias de Vida en Ciencias sociales*, Madrid: CIS
- Roberts, Brian (2002) *Biographical Research*, Buckingham e Philadelphia: Open University Press



- Rodrigues, Maria Joana Pinto (1999) *Viver num Lar: um estudo monográfico da experiência de velhice*, Braga: Instituto de Ciências Sociais (dissertação de mestrado, policopiado)
- Sobral, José (1998) “Memória Social e Identidade. Experiências individuais, Experiências colectivas” in *A História: entre memória e invenção*, (ed) Pedro Cardim, Lisboa: Europa-América
- Thompson, Paul ([1978]1988) *La Voz del Pasado*, Valencia: Edicions Alfons El Magnànim
- Troop, C.Jason (2003) “Articulating Experience” in *Anthropological Theory*, vol.3(2): 219-241
- Turner, Victor W. e Bruner, Edward M. (1986), *The Anthropology of Experience*, Urbana e Chicago: University of Illinois Press
- Willis, Paul (2000) *The Ethnographic Imagination*, Reino Unido: Polity Press
- Young, Michael (1988) *The Metronomic Society*, London: Thames and Hudson

## Resumo

O texto que aqui se apresenta é produto de uma pesquisa, onde se procurou analisar por um lado, a *experiência* da velhice no contexto de um Lar, e, por outro, perceber como através da memória os residentes do Lar reconstroem a sua identidade, tendo em conta as particularidades do seu trajecto biográfico e as condicionantes da situação presente. Procurou-se verificar como no acto de lembrar as suas vidas os residentes reconstroem a sua identidade pessoal e social, à luz do seu passado e do seu presente, como a sua *experiência* da passagem do tempo, e como a evocação desta *experiência*, é um elemento crucial para os sujeitos manterem a sua individualidade numa instituição que tende a homogeneizar e a dissolver estas mesmas particularidades.

**Palavras-chave:** memória, *experiência*, identidade, velhice, tempo, passado

## Abstract

The text that is here presented is the product of a research where we went to analyze on one side, the *experience* of old age in the context of a nursing home and, on the other side, understand how the residents rebuilt their identity through memory, having always present the particularities of their biographical trajectory and the constraints of the present situation. It was our aim to verificate how in the act of recalling their lifes the residents rebuilt their personal and social identity, in the light of their past and their present, how their *experience* of the passage of time, and the evocation of this *experience*, it's a crucial element for the subjects maintain their individuality in an institution which tends to homogenize and dissolve this particularities.

**Key words:** memory, *experience*, identity, old age, time, past

## Résumé

Le texte ici présenté est le résultat d'une recherche dans laquelle on analyse d'un côté *l'expérience* de la vieillesse dans le contexte d'un foyer, et, par un autre côté, entendre comment les résidents du foyer reconstruisent avec la mémoire son identité, avec les particularités de son parcours biographique, sur les conditions de la présente situation. On a cherché vérifier comment dans l'acte de se souvenir de leurs vies, les résidents reconstruisent son identité personnelle et sociale, avec son passé et son présent, comment son *expérience* du temps passé, et comment l'évocation de cette *expérience* est un élément crucial pour les sujets maintenir son individualité dans une institution qui tendre à homogénéiser et à dissoudre les particularités de chacun.

**Mots Chefs:** mémoire, *expérience*, identité, vieillesse, temps, passé